

## Academia do Porto desceu à rua

## Crise não tirou alegria

A «malta» da Academia do Porto desceu à rua levando para a frente o tradicional cortejo da «Queima das Fitas». Doutores — ou quase... — e «caloiros» misturaram-se com a população, levando-lhe, durante um bom par de horas, a proverbial e inesgotável alegria estudantil.

E foram muitos, foram aos milhares, os portuenses que, ao longo do trajecto, esperaram a pé firme pela passagem do cortejo, numa prova irrefutável de que a população acarinha a natural exteriorização dos estudantes universitários da cidade.

Não faltaram os carros forrados de papel de seda com as cores das diversas faculdades, nem estudantes, aos magotes que, apeados, confraternizavam mais de perto com o público. O cortejo da «Queima» deixou, entretanto, à passagem, um aviso indistigável. E ele é: se a alegria da «malta» não morre, apesar do espectro do desemprego que paira sobre muitos futuros doutores, o mesmo não se poderá dizer da falta de imaginação que estes revelam na «confeção» dos dísticos e das «piadas», outrora mais vivas e cintilantes.

Ler na última página.

## Cortejo da «Queima das Fitas»

## Onde está a imaginação senhores «doutores»?

Desencanto. Será esta a melhor palavra para definir a expressão nos rostos daqueles que, com expectativa e curiosidade, aguardavam a passagem do cortejo da «Queima das Fitas», ontem à tarde.

A falta de gosto, de imaginação e de criatividade foi uma constante nos carros alegóricos — salvo raríssimas excepções

— resumindo-se, o desfile, a uma simples passagem de viaturas pesadas, carregadas com estudantes eufóricos e enfeitados com a designação da faculdade que representavam, para além de cartazes onde se misturavam erros ortográficos.

Considerado como o acontecimento mais importante da

«Queima das Fitas», o cortejo, onde se integram todas as faculdades da Academia do Porto e as privadas, com os respectivos carros alegóricos, fez parar o centro da cidade. O trânsito ficou, com efeito, temporariamente vedado nas artérias destinadas ao percurso do desfile.

Junto aos passeios, muitas pessoas esperavam, pacientemente, pela passagem dos estudantes, motivadas por uma tradição que fez tremer o anterior regime, pela curiosidade ou pela publicidade que os vários órgãos da Comunicação Social têm vindo a desenvolver.

Saído do Palácio de Cristal, o cortejo percorreu o centro da cidade, espalhando, contudo, alguma desilusão e muitas críticas. Aberto pela comissão organizadora do programa da «Queima das Fitas/87», o desfile, tinha, à frente, os finalistas das várias faculdades, de cartola e bengala e com ar pseudoelefantado. A expectativa estava, todavia, nos trinta e seis carros alegóricos, ponto alto de edições anteriores pela imaginação e criatividade.

A desorganização à mistura de algum cansaço, levava a uma longa espera pelos carros alegóricos, aumentando a curiosidade entre aqueles que, «habitues» ou não, se mantinham, em fila dupla e de pé, junto aos passeios. Curiosidade substituída, carro a carro, pela desilusão e pelo sabor amargo de quem está a assistir um espectáculo onde os «artistas» são estudantes com indumentárias coloridas e diferentes, em grupos rebeldes e atrevidos e que aceitaram o deus Baco como

companheiro. A praxe, essa, tinha ficado nas páginas de um passado ainda recente, inevitavelmente recordado por aqueles que a abraçaram.

## As «figuras» do cenário

As figuras políticas da actualidade, a Comunidade Económica Europeia, o desemprego, foram os temas preferidos para as críticas (que, diga-se, vaziam de perspectiva...) da maioria dos carros alegóricos.

Para os estudantes de Medicina e Biomédicas, a ministra da Saúde, Leonor Beleza, foi a figura escolhida, comparada à maquiavélica Cleópatra. O ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, serviu de «musa inspiradora» aos estudantes da Universidade Livre, que avisavam que «Quem ri por último... ri melhor». Por seu turno, os técnicos de Farmácia afirmavam ser melhores do que os da CEE, enquanto que os alunos de Biologia apelavam ao voto para os «bichos para que certas coisas possam mudar».

«Figuras» existiam, também, entre os que, com sorrisos ou cara séria, viam os grupos em invulgar euforia passar. Os familiares dos componentes do curso recebiam flores, beijos ou abraços, deixando transparecer, nos olhos, o tradicional brilho de orgulho pelo parente «doutor». Os namorados vejavam, com ar desconfiado, os seus pares e nem sequer faltavam famílias entre os participantes do cortejo. As mulheres bonitas eram pretexto para troca de olhares «apaixonados» e de «homenagens» ultrapassa-

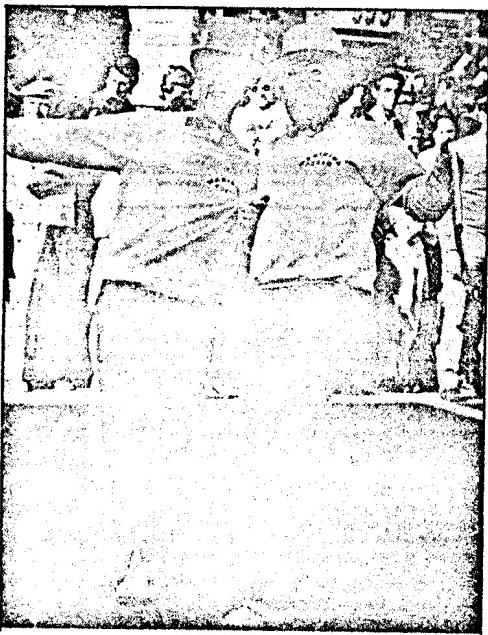
das. E as «cenas» repetiam-se nos vários pontos de passagem do desfile.

Recolhidos ao ex-CICAP, o cortejo passava a ser acontecimento de passado. O trânsito agudizava-se e a cidade voltava ao «lufa-lufa» tradicional. Os estudantes, porém, continuavam a sua festa, numo à Vila do Conde onde, num motel, o Baile e do Grelado os esperava.

Hoje, os corpos cansados pela euforia terão de enfrentar um dia desportivo. No pavilhão

do CDUP, pelas 15 horas, serão disputadas as finais de diversos torneios académicos, havendo, como inovação, uma estafeta que percorrerá, com um facho, todas as faculdades. À noite, para acalmar os ânimos, e deliciar os que apreciam este tipo de espectáculos, um concerto «promenade», no Cinema Vale Formoso, a partir das 21h30, com a participação de dezenas de músicos, regidos pelo maestro José Atalaya.

M. F.



As vezes, a pose acontecia. Quer para a objectiva do repórter fotográfico, quer para o público que assistia

|     |
|-----|
| Dia |
| 1   |
| 2   |
| 3   |
| 4   |
| 5   |
| 6   |
| 7   |
| 8   |
| 9   |
| 10  |
| 11  |
| 12  |
| 13  |
| 14  |
| 15  |
| 16  |
| 17  |
| 18  |
| 19  |
| 20  |
| 21  |
| 22  |
| 23  |
| 24  |
| 25  |
| 26  |
| 27  |
| 28  |
| 29  |
| 30  |
| 31  |

Organização estudantil - Queima das Fitas